

Capítulo 11

ENTRE AS METRÓPOLES DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO EXISTE UMA VILLA CHAMADA PARATY*

*Paulo Fernando Pires da Silveira***

*Artur Cesar Isaia****

*Patrícia Kayser Vargas Mangan*****

1 INTRODUÇÃO

Este texto visa abordar/refletir sobre o patrimônio cultural e as transformações ocasionadas pelos ciclos/períodos econômicos da cidade de Paraty, do Estado do Rio de Janeiro, com aporte do material

* Texto para a disciplina do Observatório das Metrôpoles - AS METRÓPOLES E A ORDEM URBANA BRASILEIRA: os desafios do direito à cidade do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trata-se de um recorte da Tese de Doutorado do Curso de Memória Social e Bens Culturais, da Universidade LaSalle (realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001), sob orientação do Prof. Dr. Artur César Isaia.

** Fotógrafo, Professor de Fotografia na Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS, Mestre em Educação e Doutorando em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle, Canoas/RS (realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001). E-mail: fernandopiresfotografia@gmail.com ou paulo.201810513@unilasalle.edu.br.

*** Doutor em História Social pela USP. Pesquisador CNPq PQ 1C. Professor na Universidade La Salle.

**** Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela COPPE/Sistemas-UFRJ. Professora na Universidade La Salle.

fotográfico coletado no período do evento Paraty Em Foco, o Festival Internacional de Fotografia de Paraty, nas edições de 2017, 2018 e 2019.

No capítulo 2 - A VILLA DE PARATY, dialogando com Silveira (2013) e Ribas (2003), contextualiza-se brevemente a cidade de Paraty, desde a sua fundação e os seus principais ciclos econômicos. No capítulo 3 - PARATY, O REFÚGIO DAS METRÓPOLES, trabalha-se com Ribas (2003), Moraes (2015), Garcia e Dedecca (2012) e com os conteúdos abordados nas Aulas N.3 e N.7 do Observatório das Metrópoles, para literalmente situar o município no mapa brasileiro, apontando a sua importância, desde a sua fundação no século XVI, pelo fluxo de mercadorias, capital e pessoas entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. E como tornou-se, a partir da segunda metade do Séc. XX, um destino cultural e turístico e os reflexos que o novo período econômico trouxe no processo de urbanização do município carioca, ocasionando perdas e ganhos para o meio ambiente e para as comunidades tradicionais. Dentro de um momento em que se discute - conforme apresentado pelos professores do Observatório das Metrópoles - que: a periferia e o direito à cidade também passaram a ter cor e condição econômica.

No capítulo 4, PARATY, ENTRE O MAR E A MATA ATLÂNTICA, apresenta-se quando e como a cidade e suas unidades de conservação, tornaram-se um excelente destino de Turismo Cultural. E como o Caminho do Ouro / A Trilha Guaianá - no interior da exuberante Mata Atlântica - colaborou na transformação de Paraty em uma das mais importantes cidades portuárias da colônia, inicialmente por escoar a produção de ouro de Minas Gerais para Portugal. Além do potencial de oportunidades que o patrimônio paratiense apresenta-se, também, os seus títulos de tombamento, o vilarejo de Paraty Mirim, que também serviu de porto para o desembarque clandestino de negros africanos escravizados e as transformações espaciais que a cidade vem experimentando desde a segunda metade do Século XX. Como aporte teórico, usou-se neste capítulo o Dossiê de 2007 da UNESCO, ICOMOS (1999), Chuva (2009), Fonseca (1997), Ribas (2003) e Silva (2013).

No capítulo 5, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS, observa-se algumas características arquitetônicas de Paraty, que somam ao seu patrimônio cultural: os símbolos enigmáticos da maçonaria, o rebaixamento do meio fio de algumas ruas, que permite até hoje a entrada e saída das

águas do mar, o calçamento das ruas com pedras arredondadas, no estilo pé de moleque e os detalhes arquitetônicos nos telhados chamados de eira, beira e tribeira. Dialogando-se com Toledo, (2018, 2019), Choay (2001), Almeida; Alves (2012), Mendes (2015), Bauman, (2005), Porto (2020), Borja; Castells (1997), Paes (2015), Barbosa (2020) e fazendo alusão à aula 7 do Observatório das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ, recorda-se que é graças à preservação do seu patrimônio histórico e cultural que hoje a cidade, basicamente, vive do Turismo, mas que o município não se resume em Patrimônio Material, como será detalhado no Capítulo 4, pois em seu entorno encontram-se o seu exuberante patrimônio natural e imaterial. Na sequência, procura-se mostrar que a subsistência do sujeito paratiense esteve geralmente atrelada às mudanças econômicas, à crise estrutural dos anos 70, que potencializou o crescimento da informalidade e da instabilidade do trabalho e outros eventos que literalmente atropelaram as comunidades tradicionais: a grilagem de terras, a gentrificação, as novas culturas, línguas e cores. O processo natural do crescimento da cidade, com a abertura das novas estradas, a violência mal resolvida das metrôpoles que acaba respingando na cidade e por último a pandemia de COVID-19, que acaba evidenciando / relembando as fragilidades do município: a má distribuição do acesso à segurança e ao consumo cultural. E o capítulo encerra-se com um diálogo remoto com Barbosa (2020), diretor voluntário do IHAP (Instituto Histórico e Artístico de Paraty), a apresentação de uma breve narrativa inspirada na etnofotografia de alguns espaços mencionados nesse texto e de uma reflexão sobre desterritorializações e a necessidade das comunidades tradicionais de novos espaços, com aporte teórico dos autores Deleuze e Guattari (1995), Enes e Bicalho (2014).

2 A VILLA DE PARATY

A escolha pela cidade histórica vai além, por ser uma cidade de beleza peculiar, que antigamente era reduto de índios Guaianás ou Guaianases (do tupi antigo *gûaianã*). Também, porque foi justamente através das trilhas dos Guaianases, posteriormente chamadas por alguns historiadores de Caminho do Ouro e por último de Estrada Real (Figura 1), que Paraty vivenciou as suas eras de apogeu. “A Vila de Paraty teve, nos primeiros séculos de sua história, uma

importância estratégica no cenário histórico brasileiro”¹. Foi pelo seu porto, “um dos principais para troca de mercadorias entre o século XVII e XIX” (DOSSIÊ, 2019, p. 5), chegando a ser o segundo mais importante do Brasil, que escoava o ouro e as pedras preciosas vindas das Minas Gerais, e que partia para a Europa e por onde também passavam: ouro, café, cana, especiarias e negros africanos escravizados. “No auge da mineração, o porto de Paraty era uma das principais formas de conexão da cidade do Rio de Janeiro com os sertões auríferos” (SILVEIRA, 2013, p. 103). Através da Carta Régia assinada por Dom Afonso VI, datada de 28 de Fevereiro de 1667, o rei reconhece a Emancipação Política Administrativa de Paraty, elevando o povoado à condição de Vila, passando a ser denominada de Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty². Segundo o Dossiê de 2007³ – O Caminho do Ouro em Paraty e sua Paisagem - redigido para obter a chancela de Patrimônio Mundial junto à UNESCO, trata-se do município com “o mais íntegro conjunto arquitetônico brasileiro representativo da arquitetura dos séculos XVII ao XIX”. Acredita-se que o nome Caminho do Ouro foi adotado em 19 de abril de 1702, após o Governador do Rio de Janeiro, Capitão-General Artur Sá de Menezes, baixar um novo Regimento das Minas, determinando que o ouro e as demais mercadorias teriam de obrigatoriamente entrar pelo caminho que passava por Paraty. Assim, “em direção às minas, do Rio de Janeiro, via Paraty, partiam escravos, produtos de luxo e aguardente” (SILVEIRA, 2013, p. 35). O fluxo de produtos com o porto do Rio de Janeiro era bem acentuado e com o intuito de escoar a produção de forma mais rápida e econômica, “utilizavam um grande número de lanchas e sumacas, embarcações típicas de pequenos produtores”, garantindo desta forma “ao máximo o abastecimento dos núcleos urbanos” (SILVEIRA, 2013, p. 62).

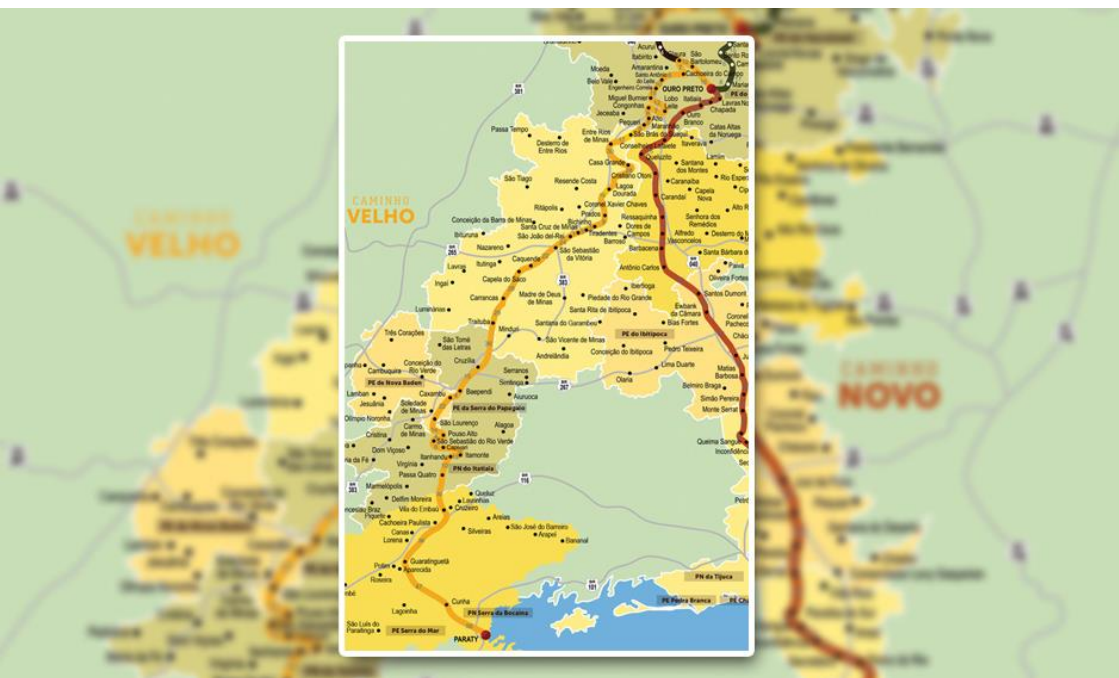
¹ Fonte: Ministério do Turismo e da Cultura
http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/paraty.pdf - Acesso em: 12 dez. 2020.

² Fonte: <http://www.paratyonline.com/jornal/2012/02/confira-a-programacao-do-aniversario-de-paraty/> - Acesso em: 22/11/2019.

³ O Caminho do Ouro em Paraty e Sua Paisagem - A importância do reconhecimento de Paraty como Sítio do Patrimônio Mundial da UNESCO. – 11 set. 2007 – Prefeito Municipal: José Carlos Porto Neto.



FIGURA 1 – MAPA DA TRILHA DOS GUAIANASES / CAMINHO DO OURO / ESTRADA REAL



FONTE: [HTTP://WWW.INSTITUTOESTRADAREAL.COM.BR/ROTEIROS/NOVO](http://www.institutoestrada-real.com.br/roteiros/novo) –
ACESSO EM: 06 DEZ. 2020

A passagem que aproveitava a velha trilha dos Guaianás já “aberta e descoberta” por Salvador Correa de Sá e Benevides⁴, por ser mais fechada e mais curta, era mais fácil de ser controlada. A estrada que passou a ser [re]construída (grifo do autor), por índios e negros escravizados, a partir do século XVII, seguindo as trilhas dos índios Guaianazes, tinha como ideia facilitar a ligação entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e acabou também aumentando o trânsito pelo Caminho do Ouro. A mudança fez com que Paraty, que exercia a função de Entrepósito Comercial e por sua posição geográfica,

⁴ Filho e neto de ex-governadores do Rio de Janeiro, era um dos homens mais importantes do Brasil no seu tempo. Fonte: RIBAS, Marcos Caetano. A história do caminho do ouro em Paraty. Contest Produções Culturais – Paraty / RJ, 2003.



transformou-se então também em uma das mais importantes cidades portuárias da colônia nos séculos XVII e XVIII, por escoar a produção de ouro de Minas para Portugal. Ainda ao longo do século XIX, as “trocas comerciais com o Rio de Janeiro e a ascensão de novos espaços econômicos na colônia”, afirmavam Paraty como um dos essenciais aliados comerciais (SILVEIRA, 2013, p. 77). “No escoamento da produção aurífera das minas para o Rio, os registros e a casa de fundição de Paraty era um dos mais procurados” (p. 81).

Em 1767, quando terminam as obras principais da estrada da Serra dos Órgãos, a qual fica sendo chamada de Caminho Novo, fica a estrada de Paraty denominada Caminho Velho. Com o fato o Caminho da Serra do Facão não é ainda abandonado, mas seu movimento começa a cair. Em 1799, com o declínio do tráfico do ouro, Paraty se volta para a produção de aguardente. Com a economia do Café, a partir do século XIX, a cidade revive, temporariamente, seus prósperos dias de glórias coloniais. A produção de pinga e derivados da cana também ajudou na economia local. Foi nesta época que Paraty virou sinônimo de pinga. No século XVIII, momento econômico especial com a Cana de açúcar, a cidade chegou a ter mais de 200 engenhos de pinga e casas de moeda. Infelizmente, no processo desta pesquisa, percebe-se que naquele período a famosa cachaça (que passou a ser conhecida pelo nome da cidade), na realidade era utilizada como moeda de troca por homens africanos que aqui foram escravizados. O Caminho do Ouro passava a ser utilizado cada vez mais para a realização do tráfico ilegal destes sujeitos, os quais arriscavam-se para escoar a produção do Vale do Paraíba e levar para o Vale o luxo trazido da Europa para os Barões do Café. Assim, muitos perderam a vida por aqueles caminhos, pelas intempéries da Mata Atlântica ou em confronto com saqueadores.

O Imperador do Brasil, D. Pedro II, em 1850, “aprova a lei Eusébio de Queirós, que reprime o tráfico negreiro como pirataria, mas o fim do contrabando de escravos não afeta profundamente o comércio que segue próspero em Paraty graças ao Café e outros produtos que iam e vinham, principalmente de Guaratinguetá” (RIBAS, 2003, p. 47). Mas em 1864, “a Estrada de Ferro D. Pedro II atinge o Vale do Paraíba na cidade de Barra do Pirai. Todo o Vale começa a escoar por ali os seus produtos (p. 48). O abandono e a decadência de Paraty e do velho Caminho do Ouro são visíveis e não param de acelerar. A cidade passa a importar até alimentos, de que fora um dos maiores produtores. E

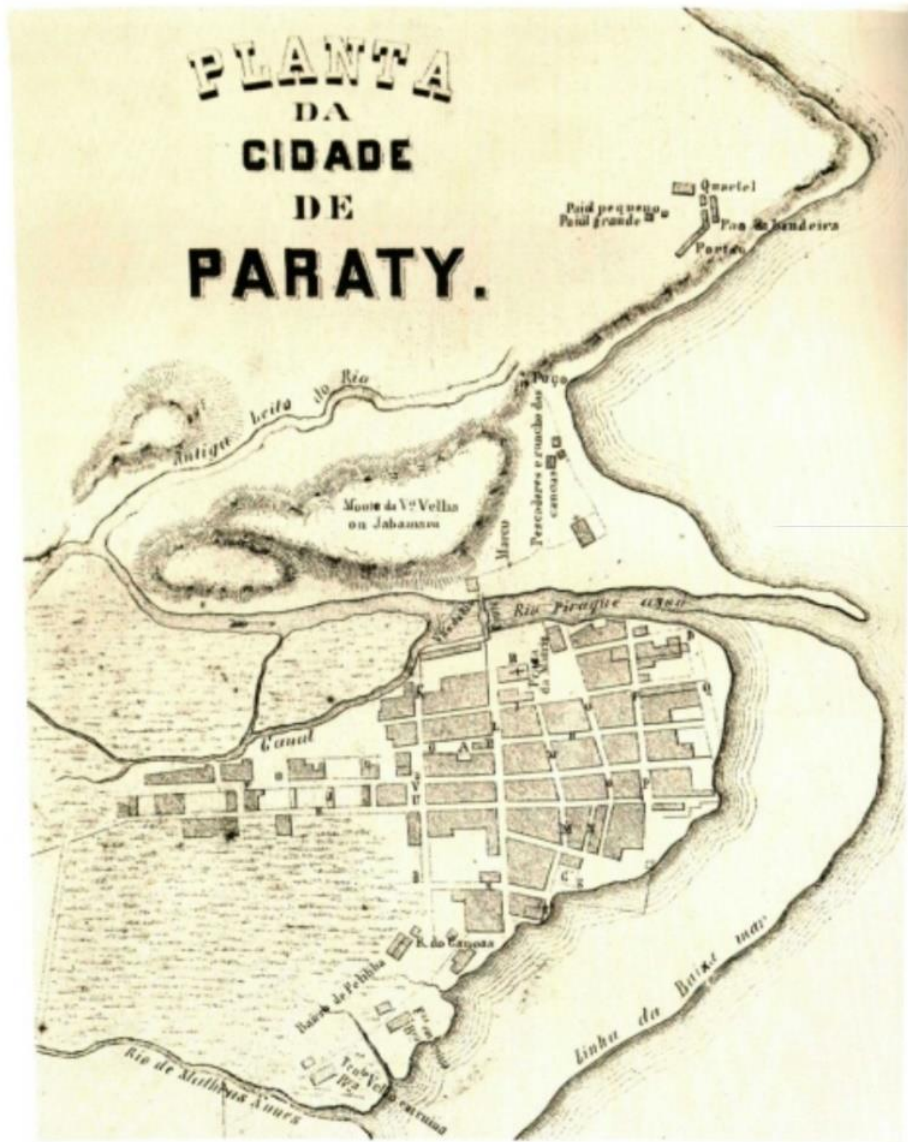
em 1877, com a chegada da estrada de Ferro, Guaratinguetá passa a fazer seus transportes comerciais através da ferrovia. Então Paraty e o Caminho entram num irreversível processo de estagnação (p. 48). A Princesa Isabel, no ano de 1888, promulga a Lei Áurea abolindo a escravidão no Brasil, “causando prejuízos à indústria canavieira paratiense e que determinou também a total paralização dos trabalhos de conservação do Caminho” (p. 48), uma vez que a conservação era sempre feita por homens escravizados. Este fato, segundo o site da Secretaria Municipal de Cultura⁵ “causou um êxodo tal que, dos 16.000 habitantes existentes em 1851, restaram, no final do século XIX, apenas “600 velhos, mulheres e crianças” isolando Paraty definitivamente do país por décadas”. Mas de qualquer forma, como relata Ribas (2003, p. 48), “a economia da cidade já havia entrado em colapso anteriormente e o movimento comercial na velha trilha Guaianás já estava completamente abandonada”.

Isolado, o conjunto urbano de Paraty, hoje chamado Centro Histórico, com as suas trinta e três quadras, número relacionado à maçonaria⁶, de acordo com alguns historiadores, parou no tempo. E como é possível observar, comparando a planta de 1863 (Figura 2) com a foto via satélite de 1959 (Figura 3), percebe-se que em quase um século pouco mudou. Ainda na Figura 3, imagem da direita/um registro de 2005, apresenta-se o resultado da periferização, que será tratada na próxima seção.

⁵ Plano Estratégico do Turismo de Paraty 2002 – SEBRAE/RJ. Acesso em: 22 nov. 2019.

⁶ Tem-se certeza que, no século XVIII as portas e janelas da maioria das casas de Paraty eram pintadas em branco e azul, o chamado azul-hortênsia da Maçonaria Simbólica. A exemplo de Óbidos, em Portugal, que é uma cidade maçônica, também pintada de branco e azul-hortênsia, Paraty foi urbanizada por Maçons. (...) Outro sinal da presença maçônica são os três pilares (cunhais) de pedra lavrada, encontrados em algumas esquinas, que, segundo diz o povo, foram colocados para formar o triângulo maçônico. (...) Em Paraty, “até as plantas das casas, feitas na escala 1:33.33, têm a marca da simbologia dos maçons, desta vez da Ordem Filosófica, cujo grau máximo é o de nº 33. Este número é uma referência muito forte. Paraty possui 33 bairros e, na administração municipal da época, existia o cargo de Fiscal de Bairro, exercido por 33 fiscais”. Fonte: <http://www.paraty.com.br/maconaria.asp>. Acesso em: 16 dez. 2020.

FIGURA 2 - PARATY / RJ – PLANTA DE 1863



Bethgards & Niemeyer - Planta da Cidade de Paraty, 1863. | Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

FONTE: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL RIO DE JANEIRO - 1863

FIGURA 3 - PARATY / RJ – 1959 E 2005



FONTE: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL RIO DE JANEIRO - 1863

Na história de Paraty, não se pode dizer que o “abandono do Estado de seu território”⁷ foi intencional, mas uma soma de acontecimentos/fatores, levaram a sua região e setores ainda no Séc. XIX, a um processo de estagnação, entrando o município em um período de esquecimento / isolamento de quase cem anos: a criação do chamado Caminho Novo, a chegada da Estrada de Ferro Guaratinguetá e a abolição da escravatura no Brasil.

3 PARATY, O REFÚGIO DAS METRÓPOLES

Paraty, situada no litoral fluminense “no extremo sul do Estado do Rio de Janeiro, na divisa com São Paulo”, em um corredor

⁷ Alusivo a Aula N.5 do Observatório das Metrôpoles, ministrada pelas Professoras: Cláudia Monteiro Fernandes; Inaiá Maria Moreira de Carvalho e Thêmis Amorim Aragão, em 23 out. 2020.

preservado de Mata Atlântica, que se estende desde Ubatuba até Angra dos Reis, literalmente “aos pés da Serra da Bocaina”, a 258 km da capital Rio de Janeiro e 268 km da capital de São Paulo (Figura 4) e “no fundo da Baía da Ilha Grande”⁸. A cidade foi fundada no século XVI e foi responsável, por alguns séculos, pelo fluxo de mercadorias, capital e pessoas entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Tornou-se, a partir da segunda metade do Séc. XX, um destino cultural e turístico. Isso ocorreu devido à construção da rodovia RJ-195 Paraty-Cunha⁹ e com mais ênfase com a BR-101 trecho Rio-Santos¹⁰, quando Paraty passa a viver basicamente de uma nova economia - o turismo. A estrada Paraty-Cunha só foi reaberta entre 1950 e 1960, graças ao empenho de alguns paulistas que já haviam iniciado a tentativa de alcançar o município por interesse turístico. As obras para pavimentação foram reiniciadas em 1997, respondendo a um desejo antigo dos paratienses (RIBAS, 2003).

Reconhece-se, pela mídia impressa e eletrônica, mas principalmente a partir do material fotográfico produzido nas três saídas a campo mencionadas, a preservação do seu patrimônio cultural. As suas artes, os seus estilos de vida – a gastronomia, a música e a atmosfera são consideradas especiais e também seu patrimônio natural - suas cachoeiras, ilhas, parques, praias, etc.

⁸ Fonte: Ministério do Turismo e da Cultura
http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/paraty.pdf - Acesso em: 12 dez. 2020.

⁹ 1950 - Chegada do primeiro automóvel à Paraty, através da Paraty-Cunha: são os primeiros turistas paulistas. Enquanto abriam-se estradas pelo resto do país, continuava-se chegando a Paraty como na época Colonial: de barco, vindo de Angra dos Reis ou, por terra, via Cunha, em estrada que só comportava movimento quando não chovia e que aproveitava em parte o trecho da velha estrada do ouro e do café. Este isolamento involuntário foi, paradoxalmente, o que preservou não só a estrutura arquitetônica urbana da cidade como também seus usos e costumes. Fonte: <https://www.paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre> - Acesso em: 12 dez. 2020.

¹⁰ 1970 – Neste período, “potencializada pela construção da BR-101, o turismo tornou-se um importante vetor das transformações socioespaciais da região, incluindo o litoral norte do Estado de São Paulo, que também sofreu os impactos da *urbanização turística*”. (Luchiani, 2000).



FIGURA 4 – PARATY E A MATA ATLÂNTICA / ENTRE AS METRÓPOLES: RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO



FONTE:

[HTTPS://JOURNALS.OPENEDITION.ORG/VIATOURISM/DOCANNEXE/IMAGE/670/IMG-1.PNG](https://journals.openedition.org/viatourism/docannexe/image/670/IMG-1.PNG). ACESSO EM: 04 DEZ. 2020.



Assim como ocorreu nas últimas décadas do século XX, dentro das regiões metropolitanas, uma dispersão implodindo o urbano e “conformando novas configurações espaciais” (LENCIONI; TUNES; BARTHOLOMEU; BÓGUS, 2020)¹¹, aconteceu também nas pequenas cidades como Paraty. Com o reflexo da construção das novas estradas, dos primeiros títulos de tombamento e decretos ambientais, o novo período econômico está sendo responsável pelo processo de urbanização do município carioca, ocasionando perdas e ganhos para o meio ambiente e para as comunidades tradicionais. Um dos exemplos mais visíveis fica à esquerda do Centro Histórico, depois da pista do aeroporto (Figura 5, em amarelo), onde estão os bairros vizinhos Ilha das Cobras e Parque da Mangueira, os mais novos e populosos de Paraty. Neste resultado da organização social do território, uma ordem urbana onde, embora exista uma proximidade territorial, é visível a distância social (RIBEIRO, 2021)¹². Os dois bairros que foram criados na década de 1970, são o reflexo das novas estradas e também de decretos ambientais, que removeram algumas comunidades tradicionais de suas vilas e ilhas. Proibidos de praticarem as suas agriculturas de subsistência, muitos caixaras venderam as suas terras e mudaram-se para a periferia de Paraty. E nas cidades brasileiras, metrópoles ou não, “a periferia geralmente tem cor” (HOLANDA, 2020)¹³, sendo que em Paraty, com o seu novo período econômico, o direito à cidade também passou a ter cor e condição econômica. E nesta paisagem urbana, a pista do aeroporto traça uma linha – nada imaginária – servindo de camuflagem ao fazer uma “organização social do território”, onde as “desigualdades” e a “não inclusão” são omitidas aos olhos dos turistas. (RIBEIRO, 2021).

¹¹ Alusivo à Aula N.3 do Observatório das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL – Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: A Megarregião Rio de Janeiro - São Paulo, com os Professores: Sandra Lencioni; Regina Helena Tunes; Matheus Cavalcanti Bartholomeu e Lúcia Maria Machado Bógus. Em 09 out. 2020.

¹² Alusivo à Aula N.14 do Observatório das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Direito à Cidade, Inflexão ultraliberal e Financeirização: outra ordem urbana?, com o Professor: Luiz Cesar Ribeiro. Em 08 jan. 2021.

¹³ Alusivo à Aula N.7 do Observatório das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Mobilidade Urbana, Desigualdade e Direito à Cidade, com o Professor: Frederico Rosa Borges de Holanda. Em 06 nov. 2020.



FIGURA 5 – PARATY/RJ E A MATA ATLÂNTICA



FONTE:

[HTTPS://JOURNALS.OPENEDITION.ORG/VIATOURISM/DOCANNEXE/IMAGE/670/IMG-3.JPG](https://journals.openedition.org/viatourism/docannexe/image/670/IMG-3.JPG). ACESSO EM: 04 DEZ. 2020

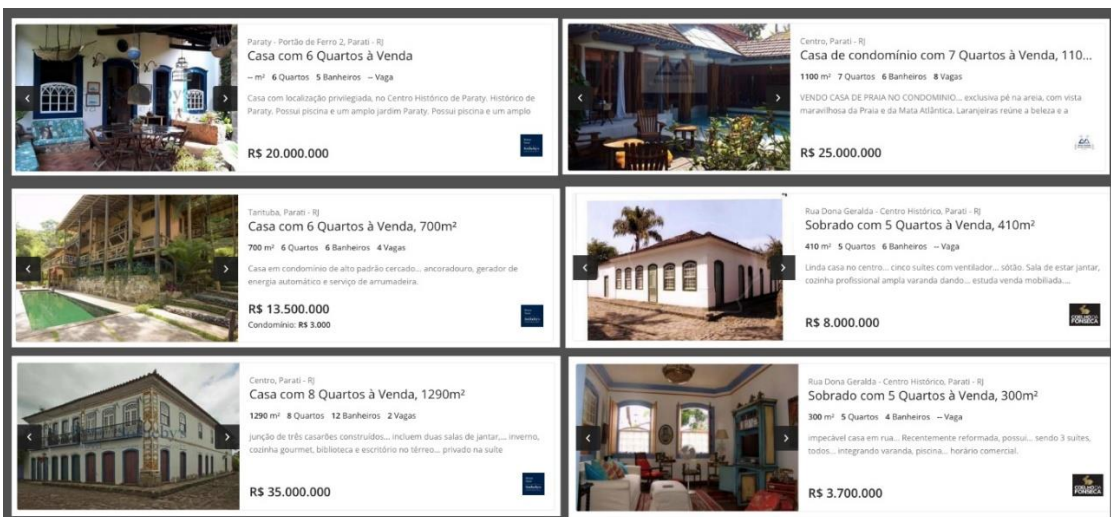
Além do “problema grave de assoreamento”, lembrado por Garcia e Dedecca (2012, p. 12) é preciso lembrar também que depois do ano de 2008, após a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) na metrópole do Rio de Janeiro, a dominação exercida por dois grupos organizados do narcotráfico atingiu os bairros Ilha das Cobras e o Parque da Mangueira, colocando o município no mapa da violência do Rio de Janeiro.¹⁴ Mesmo com a influência dos

¹⁴ Paraty, com seus [aproximados] 40.000 habitantes¹⁴, aparece no Mapa da Violência 2015 como a segunda cidade mais violenta do Rio de Janeiro, atrás de Cabo Frio. Apesar de pequena, a cidade vive uma rixa entre grupos de traficantes de drogas instalados em seus dois bairros mais carentes e violentos – Ilha das Cobras [controlado pelo Comando Vermelho] e Mangueira [pelo Terceiro Comando] – que em grande parte justifica a violência expressa na taxa, este ano, de 43,9 óbitos por 100.000 habitantes. (MORAES, 2015, p. 11). [Grifo do autor].



campos de petróleo¹⁵ no litoral fluminense e as cadeias produtivas por elas geradas no seu entorno¹⁶, o turismo ainda é responsável em média por 70% da economia do município, mas além da esperança, trouxe a cidade, o choque cultural (no comportamento, na música, na moda...), e em cinco décadas a população triplicou, trazendo à Paraty: a grilagem, “a gentrificação, a periferização / o avanço da especulação imobiliária (Figura 6), o risco da degradação dos espaços verdes” (CLEMENTINO, RIBEIRO; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2020)¹⁷ e na última década a violência (Figura 7).

FIGURA 6 – PARATY / RIO DE JANEIRO.



ARTE/COMPOSIÇÃO: FERNANDO PIRES – 2020

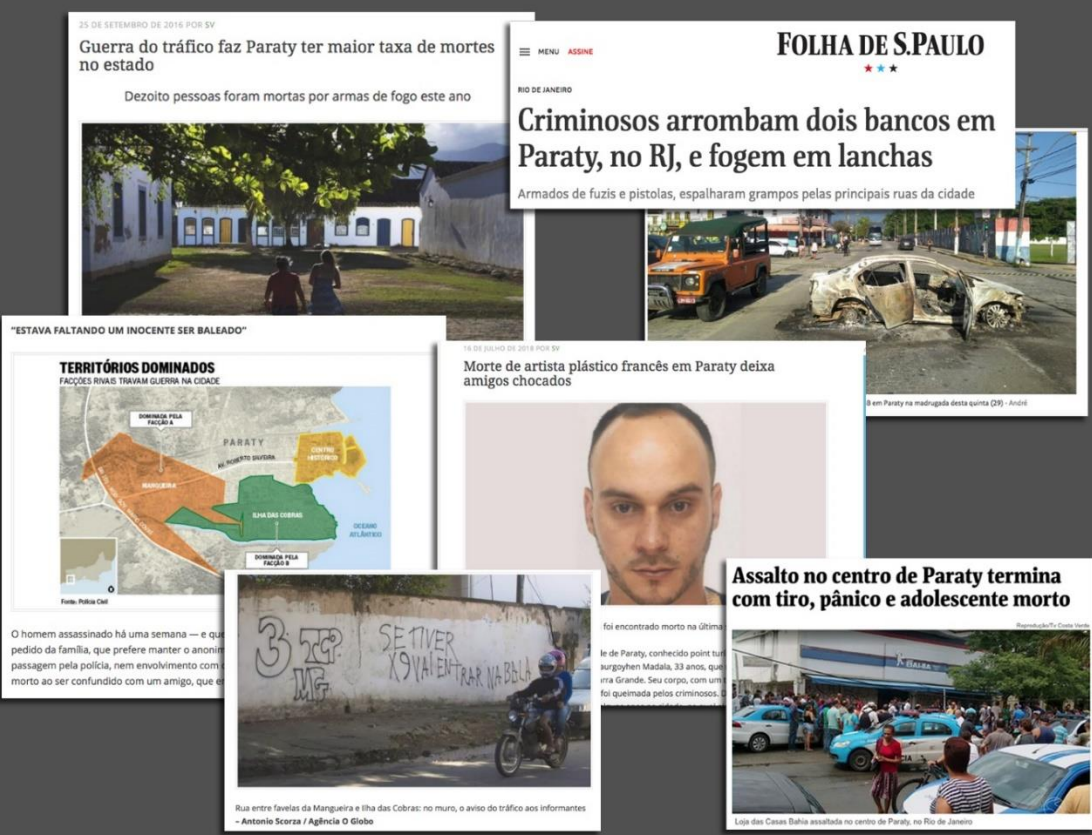
¹⁵ Fonte: <http://www.petroleo.rj.gov.br/index.php/home-mainmenu-1/102-campos-quissama-e-parati-poderao-aumentar-a-arrecadacao-de-royalties-com-a-descoberta-da-repsol> - Acesso em: 13 dez. 2020.

¹⁶ Alusivo a Aula N.3 do Observatório das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: A Megarregião Rio de Janeiro - São Paulo, em 09 out. 2020.

¹⁷ Alusivo à Aula N.4 do Observatório das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Economia Metropolitana e Desenvolvimento Regional, com os Professores: Maria do Livramento Miranda Clementino; Marcelo Gomes Ribeiro; André Mourthé de Oliveira; Juliana Bacelar de Araújo. Em 16 out. 2020.



FIGURA 7 – PARATY / RIO DE JANEIRO



ARTE/COMPOSIÇÃO: FERNANDO PIRES - 2020

4 PARATY, ENTRE O MAR E A MATA ATLÂNTICA

“Com suas 61 praias, 65 ilhas, cinco unidades de conservação de Mata Atlântica e centenas de cachoeiras”, Paraty projetou-se para o cenário nacional e internacional como um excelente destino de Turismo Cultural¹⁸. Na sua unidade de conservação, Parque Nacional da Serra da Bocaina, visível no corredor de Mata Atlântica ao fundo do contexto urbano (Figura 5) encontra-se como é popularmente conhecido: O Caminho do Ouro.

Segundo o Dossiê de 2007¹⁹, tanto no Caminho do Ouro, como no Centro Histórico (Figura 8 e 22), “o calçamento foi feito para evitar que as tropas de mulas carregadas de preciosidades, como ouro ou café, atolassem nos dias de chuva e/ou levantassem nuvens de poeira nos dias de sol”²⁰. Antes da chegada da Coroa Portuguesa, a trilha, ou as trilhas, eram usadas pelos índios Guaianás para alcançar o vale do Rio Paraíba, transpondo a Serra do Mar, Caminho de Serra Acima para os que partiam do litoral, Caminho de Serra Abaixo para os que vinham do vale. Paraty era conhecida pelos índios por suas praias de efeitos medicinais (RIBAS, 2003). Estes indígenas, segundo o Dossiê de 2007, “habitaram a baía de Paraty até meados do século XVII”. A Trilha Guaianá (Figura 06), tornou-se um elo, ora físico ora imaginário. Segundo o Instituto da Estrada Real o percurso envolve hoje 27 trechos do Sudeste brasileiro, destes trechos, destaco quatro: Ouro Preto (antiga Vila Rica) – São Bartolomeu, Tiradentes – São João del-Rei, São João del-Rei – São Sebastião da Vitória e Cunha – Paraty.

O trecho do Caminho do Ouro em Paraty, além de estar bastante preservado, se encontra envolto pela exuberância da Mata Atlântica, com uma ecologia deslumbrante. A oportunidade de vivenciar este trecho do Caminho Velho é poder vivenciar os primeiros momentos da história da Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty, que por sua vez conta momentos importantes da história do Brasil. Na época, no século XVII, o percurso levava 60 dias para ser

¹⁸ Fonte: http://www.paraty.com.br/ilhas_praias/praias.asp e http://www.paraty.com.br/ilhas_praias/ilhas.asp - Acesso em: 07 dez. 2020.

¹⁹ O Caminho do Ouro em Paraty e Sua Paisagem - A importância do reconhecimento de Paraty como Sítio do Patrimônio Mundial da UNESCO – 11 set. 2007 – Prefeitura Municipal: José Carlos Porto Neto.

²⁰ Patrimônio Material / Paraty.

Fonte: <http://mapadacultura.rj.gov.br/manchete/calçamento-pe-de-moleque>.

feito pelos tropeiros a cavalo. Nesse período, como já foi citado anteriormente, Paraty exercia a função de Entreposto Comercial entre as metrópoles (Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro) e por sua posição geográfica, transformou-se também em uma das mais importantes cidades portuárias da colônia, por escoar a produção de ouro (nos séculos XVII e XVIII) de Minas Gerais para Portugal.²¹

O potencial de oportunidades que o patrimônio paratiense apresenta passou a ser importante para o turismo do município desde a segunda metade do Séc. XX, pois este abarca um amplo conjunto de elementos locais diversificados que envolve o patrimônio cultural. O International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) define patrimônio como “tudo o que abrange paisagens, locais históricos, sítios e ambientes construídos, bem como a biodiversidade, coleções, práticas culturais passadas e continuadas, conhecimentos e experiências vividas” (ICOMOS, 1999). E a noção de patrimônio na visão de Chuva (2009), se dá quando o cenário histórico e o artístico assumem uma dimensão instrumental e passam a ser empregados na produção de uma representação de nação. Vale lembrar que a criação de um Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Brasil, aconteceu em 1936 (FONSECA, 1997). Desde 1945, quando Paraty é declarada Monumento Histórico Estadual (Rio de Janeiro) e em 1958, que a cidade foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o território de Paraty vem colecionando diferentes títulos que somam e ampliam a sua “indiscutível relevância histórica, social e econômica da cultura” (DOSSIÊ, 2019, p. 5).

²¹ Fonte: <http://www.institutoestradaareal.com.br/caminhos/velho/> - Acesso em: 12 dez. 2020.



QUADRO 1 - TÍTULOS DE TOMBAMENTO DE PARATY

- 1937** – Inscrita no livro de Tombos do Patrimônio Nacional
- 1945** – No Governo de Amaral Peixoto, Paraty é elevada / declarada a patrimônio / Monumento Histórico Estadual (Rio de Janeiro).
- 1958** - Paraty: Tombamento - Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,
- 1966** – Pelo decreto 58.077 de 24 de Março de 1966, Paraty é convertida a Monumento Histórico Nacional (IPHAN - Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937). Não apenas a cidade de Paraty, mas sim o Município de Paraty ou seja, os 917 km quadrados, a ambiência a paisagem cênica e o conjunto arquitetônico.
- 1972** – Parque Nacional Serra da Bocaina (Plano de Manejo) – Dec. nº 68.172 de 04 de fevereiro de 1971/Dec. nº 70.694 de 08 de junho de 1972.
- 1974** – Inscrição no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no Livro de Belas Artes (todo o município).
- 1976** - A área de proteção ambiental foi criada pelo decreto 15 927, de 29 de novembro de 1972. Pelo decreto 996, de 17 de novembro de 1976, passou a denominar-se "Área Estadual de Lazer de Paraty-Mirim".
- 1983** - A Área de Proteção Ambiental de Cairuçu é uma Unidade de Conservação Federal de Uso Sustentável criada pelo Decreto nº 89.242, de 27/12/83, visando a proteção das 65 ilhas
- 1983** – Lei Municipal proteção ao Mangue.
- 1990** - Estação Ecológica de Tamoios - Unidade de Conservação Federal. Decreto nº 98.864, de 23 de janeiro de 1990. ESEC Tamoios está localizada entre os municípios de Angra dos Reis e Paraty.
- 1992** – Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ), que protege o território da península da Juatinga, com 9.797 hectares - Diploma legal de criação: (Lei n.º 1.859, de 01/10/91; Decreto nº 17.981, de 30/10/92).
- 2017** – Paraty, passou a integrar, a partir de 31/10/17, a Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UNESCO Creative Cities Network - UCCN) como cidade da gastronomia.
- 2019** – O Comitê de Patrimônio Mundial da UNESCO, confere a Paraty e Ilha Grande, em 05/07/2019, o primeiro título de Patrimônio Misto localizado no Brasil.

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY / SECRETARIA DE CULTURA,
WWW.IPHAN.GOV.BR.

A condição especial de Patrimônio Misto²² conquistada recentemente em conjunto com Ilha Grande, já era reivindicado há mais de uma década por Paraty, principalmente pelo seu Patrimônio

²² A região de Paraty se torna primeiro patrimônio mundial misto da humanidade localizado no Brasil (...). Com o nome "Paraty: Cultura e Biodiversidade", a área engloba um território de quase 149 mil hectares, em que o centro histórico de Paraty e a Ilha Grande se cercam de quatro áreas de conservação ambiental. Fonte: <https://www.sosma.org.br/noticias/paraty-2/> - Acesso em: 15 fev. 2020.

Imaterial – valorização dos conhecimentos tradicionais mantidos na cidade e por todos os seus bens naturais já citados: como as suas praias, ilhas²³ e a Mata Atlântica²⁴. No ambiente do seu Patrimônio Natural, encontram-se algumas de suas belezas: a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu – APA Cairuçu, onde está a Vila da Trindade, a Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, o Parque Nacional da Serra da Bocaina e ainda, faz limite com o Parque Estadual da Serra do Mar. Ou seja, Paraty é Mata Atlântica por todo lado.

O distrito ou vilarejo de Paraty Mirim, situado onde hoje é a Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, a 17 km do Centro Histórico, serviu também nos Séculos XVIII e XIX de porto para o desembarque clandestino de negros africanos escravizados. Hoje as suas ruínas (Figura 9), mostram que o período de isolamento e abandono foram bem mais intensos nessa região do município.

Em contraponto a tantas belezas e cumprimento às exigências, durante as três saídas a campo, percebe-se nos períodos de eventos culturais, pelos diálogos presenciados em restaurantes, cafés, pousadas, hostels etc, que o nativo / o sujeito paratiense, cada vez mora/vive mais longe do Centro Histórico, para “além das correntes” que dividem o centro do restante da cidade, onde o natural nos dias de hoje é cruzar com o turista ou o estrangeiro. É frequente notar a presença de franceses, italianos, holandeses e globais, não apenas na condição de turistas, mas como proprietários dos estabelecimentos comerciais e residenciais. Neste sentido, cabe lembrar Paes (2015), que afirma:

Desde os anos 1970, após a construção da BR-101, muitos migrantes, inclusive estrangeiros, chegam à cidade, o que faz alterar o seu perfil social e econômico. Além de trabalhadores para a construção civil e para os serviços terciários, com menor poder aquisitivo, há a formação de um grupo mais hegemônico no que concerne às decisões políticas, vindos, sobretudo, do Rio de Janeiro e de São Paulo, composto por profissionais liberais, empresários, artistas, intelectuais, cientistas, ambientalistas, entre outros, o qual seria decisivo para mobilizar uma mudança nas posturas políticas, sobretudo no que concerne à cultura, ao meio

²³ Cerca de 61 praias e 65 ilhas compõem o cenário idílico da Baía de Paraty. Fonte: http://www.paraty.com.br/ilhas_praias/praias.asp e http://www.paraty.com.br/ilhas_praias/ilhas.asp - Acesso em: 07 dez. 2020.

²⁴ Fonte: <http://pmparaty.rj.gov.br/page/historia.aspx>. - Acesso em: 07 dez. 2020.

ambiente e às escolhas do município em relação ao turismo. (PAES, 2015, p. 8).

Esses eventos foram agregados “a ampliação da noção de patrimônio, processada notadamente a partir do final da década de 1970 e começo da de 1980, no Brasil e no mundo, e foi acompanhada de uma ampliação da ação pública relativa à preservação cultural” (CHUVA, 2009, p. 146). No caso de Paraty, alguns estrangeiros vêm para somar e acabam fazendo uma grande diferença como agentes culturais e sociais para a cidade, como é o caso do extrovertido fotógrafo italiano Giancarlo Mecarelli (Figura 25), morador de Paraty desde 2005 é o criador e diretor do Festival Internacional de Fotografia - Paraty Em Foco (Figura 26), um dos grandes eventos do calendário cultural do município.

Pelo olhar de Silva (2013) as transformações espaciais que cidades como Paraty experimentam são de diversas ordens - econômica, política, urbana, cultural, demográfica e social, também pelo grande número de pessoas que passam a circular e acabam por permanecer na cidade: profissionais temporários, turistas em geral, veranistas, donos de segunda residência, empresários, entre outros grupos. Em Paraty, o turismo contribuiu para que a cidade se recuperasse do longo isolamento que vivenciou, viabilizando um avanço nas condições de vida das comunidades, embora os eventuais imprevistos logísticos de alguns grandes eventos. E o mais recente título, o de Patrimônio Misto, é uma promessa que o entorno de Paraty – a as comunidades locais - estarão (ou deverão ser) preservados da especulação do setor imobiliário. Por esta perspectiva que a cidade comemora, na esperança que os frutos do desenvolvimento chegue a todas as comunidades, inclusive as mais periféricas e/ou fragilizadas pelo crime. Ao mesmo tempo em que comemora o título, algumas instituições municipais se preocupam em conter o volume excessivo de “excursionistas” que cruzam o Centro Histórico, mas sem nenhum interesse pelo Patrimônio Cultural, apenas para chegarem às praias e ilhas.

5 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Paraty se tornou um polo turístico de fama internacional, o seu conjunto arquitetônico no Centro Histórico apresenta sutilezas históricas extremamente interessantes, por exemplo, observa-se os símbolos enigmáticos da maçonaria estampados nas fachadas de inúmeras casas (Figura 21) e que uma parte da cidade, o rebaixamento do meio fio de algumas ruas (Figura 17), que permite até hoje a entrada e saída das águas do mar. Segundo registros do site da prefeitura em conjunto com a Secretaria de Cultura e de Turismo²⁵, em dias de maré de lua cheia o mar invade algumas ruas com mais intensidade. Este processo foi um recurso natural de limpeza, uma forma de saneamento do século XVIII, período em que Paraty não tinha sistema de esgoto e todos os dejetos escoavam na rua. As ruas eram suavemente rebaixadas no centro, para escoar a água da chuva e das marés, pois a cidade foi construída no nível do mar. E por este motivo as casas foram construídas pelo menos 30 centímetros acima do nível da rua de forma a permitir a invasão das marés mais altas, pelas ruas sendo uma forma natural de manter a cidade limpa, das fezes dos cavalos, das mulas e também dos próprios moradores que por não haver sistema de esgoto tinham o costume de jogarem pela janela os seus dejetos.

Entrar então no Centro Histórico de Paraty é entrar em outra época, retornar ao século XVIII, cruzando uma fronteira onde o tempo e a velocidade mudam, pois até o caminhar é obrigatoriamente sereno/tranquilo, apropriado às pedras "pés-de-moleque" (Figura 15) de suas ruas. Outra medida de proteção, no projeto da "Villa de Paraty" são algumas ruas, principalmente aquelas que são paralelas ao mar, que foram construídas em curva (Figuras 22 e 23) para uma melhor vigilância das entradas de quem vem do mar, uma forma de defesa contra possíveis ataques de piratas. Pois em outros tempos, a ordem ou o código era: quando ouvia-se um tiro de canhão, significava que havia piratas na cidade. Os habitantes e seus amigos rapidamente escondiam-se no interior de suas casas e os que estavam em curso, colocavam-se contra a parede, e como as ruas que davam acesso a cidade foram construídas em curva justamente para se defender dos invasores, quem passava pela rua não conseguia ter uma visão completa do trajeto e, por não avistar ninguém, prosseguiam. Outra

²⁵ https://www.paraty.com.br/centro_historico.asp - Acesso em: 24 jun. 2020.

defesa é que todos os imóveis residenciais ou comerciais não possuem pátios ou jardins de fácil acesso. Esses espaços, quando situados na frente ou lateral dos imóveis eram cercados por altos muros (Figura 23), dificultando a sua transposição, uma forma de ordenar o espaço com o enfoque na defesa – um “urbanismo militar” (RIBEIRO, 2021)²⁶. O calçamento das ruas com pedras arredondadas, no estilo pé de moleque, foram pensadas para reduzir a poeira quando os tropeiros cruzavam a cidade a cavalo conduzindo sua tropa²⁷ de mulas, rumo ao cais do porto. É possível avistar dos telhados de algumas propriedades, os detalhes arquitetônicos chamados de eira, beira e tribeira (Figura 15), de onde se originou o ditado popular “sem eira e nem beira”, ou seja, aquele sujeito que “nada tem”, pois os moradores com muita posse possuíam a “tribeira” em seus telhados, que tratava-se em séculos passados de um “sinal superior de riqueza” (TOLEDO, 2018, 2019).

Hoje, basicamente, além da pesca e comércio em geral, a cidade vive do Turismo, graças à preservação do seu patrimônio histórico e cultural. Como afirma Choay (2001, p. 224), a “indústria do patrimônio cultural desenvolveu recursos de embalagem que também permitem oferecer os centros e os bairros antigos como produtos do consumo cultural”. Nesse sentido, Paraty como “cidade-mercadoria ganhou uma nova forma de ser vendida e consumida” (HOLANDA, 2020)²⁸. Hoje, Paraty é algo que realmente nunca foi. A diversidade de cores e composições das fachadas dos casarões é algo que encanta (Figuras 17 a 22). Algumas propriedades de um ou de dois pavimentos

²⁶ Alusivo à Aula N.14 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Direito à Cidade, Inflexão ultraliberal e Financeirização: outra ordem urbana?, com o Professor: Luiz Cesar Ribeiro. Em 08 jan. 2021.

²⁷ As tropas eram divididas por lotes – pequenas porções de cargueiros – conduzidos por um “camarada”, também chamado de tocador ou tangedor, e contavam ainda com um cozinheiro e um cão de guarda. Os lotes variavam de tamanho, dependendo da região: 7 mulas no Rio de Janeiro, 9 em Minas Gerais e 11 no estado de Goiás. Cada animal era capaz de levar de 6 a 12 arrobas de carga, ou seja, entre 90 e 180 quilos. As tropas podiam ter de até 200 ou 300 animais. Assim, considerando uma tropa de 200 cargueiros e tomando uma média de 8 arrobas por mula, temos que, numa só viagem, podia-se transportar 24 toneladas de carga, um feito inigualável para a época. (RIBAS, 2003).

²⁸ Alusivo à Aula N.7 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Mobilidade Urbana, Desigualdade e Direito à Cidade, com o Professor: Frederico Rosa Borges de Holanda. Em 06 nov. 2020.

não possuem janelas, apenas portas no andar térreo, sendo que algumas destas portas são divididas em duas seções, dando uma maior privacidade e segurança aos atuais moradores. Outras tiveram as suas fachadas alteradas, transformando algumas destas portas em janelas (Figuras 18, 20 e 22). Isso é o resultado da cidade perder gradativamente a partir do Século XVIII a sua função de entreposto comercial, onde quase todas as propriedades funcionavam a serviço deste fim. O Rio Perequê-açu dá a um dos extremos do Centro Histórico um ar veneziano (Figura 16). Apenas após o anoitecer, quando os charmosos lampiões ascendem (Figuras 27 e 32), é que pode ficar mais claro a que função atual se destina o imóvel, um centro da *Seichonoie* ou uma Galeria de Arte (Figura 28). Mas Paraty, não se resume em Patrimônio Material, como já foi detalhado na introdução desse texto, em seu entorno encontram-se parques estaduais e nacionais, áreas de proteção ambiental e reservas ecológicas.

A sobrevivência do sujeito paratiense esteve geralmente atrelada às mudanças econômicas, que foram sempre permeadas pelas novas profissões e pelo acúmulo de outras. As crises de uma economia para outra influenciaram também a relação emprego e trabalho, fazendo alguns nativos e demais sujeitos envolvidos procurarem se reciclar. Outros não resistiram à pressão das mudanças e simplesmente – diante da extrema pobreza - abandonaram as suas terras ou as negociaram por valores que os fizeram se arrepender no futuro. Não fugindo dessa lógica e pelo prisma de Almeida e Alves, estes fatores são próprios do sistema capitalista: há ainda que se considerar que os processos de metamorfoses do mundo do trabalho, percebidos de maneira mais contundente a partir da crise estrutural dos anos 70, tem potencializando o crescimento da informalidade e da precarização do trabalho. (ALMEIDA; ALVES, 2012, p. 4).

O Centro Histórico não tem avenidas largas como as grandes metrópoles, nem mesmo a mais movimentada delas: a Rua Tenente Francisco Antônio, tradicionalmente conhecida por Rua do Comércio, não é muito larga. Na Rua Comércio, principalmente nos finais das tardes e finais de semana é possível contemplar quilombolas, caiçaras e indígenas da região e de outros estados brasileiros e também uma diversidade de “sujeitos sociais”, artesãos e artistas nacionais e internacionais “encenando o seu capital cultural” (Figuras 24, 25, 26, 31 e 32). Mas a gestão municipal que assumiu em 2021, resolveu analisar a configuração visual da cidade e uma das ações, foi iniciar

um processo de “limpeza” que acabou atingindo a Kombi do Sebo Cultural (Figura 24). E mesmo com as manifestações nas redes sociais, a Kombi foi guinchada. Para alguns moradores e simpatizantes do Sebo Cultural, a remoção foi uma repressão, pois proíbe um “sujeito social” - não importando o seu sucesso durante quinze anos naquele ponto - de “encenar o seu capital cultural” (HOLANDA, 2020)²⁹.

O cenário nas suas ruas mudava e alguns atropelos não foram lentos na vida do caiçara, logo surgiram – primeiro, como resultado da grilagem de terras e depois, com a gentrificação³⁰ - novas culturas, línguas e cores. O processo de gentrificação em bairros como o Caboclo, por exemplo foi marcante, pois perdeu grande parte da sua população original, para novos sujeitos economicamente superiores. E a diferença das classes passou a ser mais visível. Alguns dos seus sujeitos perderam os seus lugares de memória e, com eles, o seu emprego e o seu trabalho. Outros foram abduzidos pelas novas formas de ocupar a cidade, tanto social quanto política. O que era tradição, costume, pouco a pouco passou a ser colecionado como história urbana. Contemplar as mudanças, aprender a ver os novos sujeitos, com novos sotaques, idiomas e cores chegarem e os velhos sujeitos: negros, pardos, índios e pobres terem que ficar a margem para [sobre]viver. O que tinha-se na memória, dos caiçaras com os pés descalços indo e vindo da escola, do trabalho, da missa, agora só é possível ver nas fotografias.

O crescimento da cidade embora seja um processo natural, não dá para afirmar que seja indolor, uma vez que a violência mal resolvida das metrópoles acaba respingando no litoral fluminense³¹, retraçando na memória uma nova cidade. E nesta circunstância as

²⁹ Alusivo à Aula N.7 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Mobilidade Urbana, Desigualdade e Direito à Cidade, com o Professor: Frederico Rosa Borges de Holanda. Em 06 nov. 2020.

³⁰ Entre os estudiosos do patrimônio cultural, desde aproximadamente meio século, o conceito de gentrificação tem vindo a designar um processo de recomposição (e substituição) social verificado em meio urbano, ligado, muitas vezes, a ações de reabilitação urbana das habitações nos centros antigos das cidades. Isto mediante investimentos, quer públicos, quer privados. Por definição, a gentrificação passou, assim, a designar o movimento de chegada de grupos de estatuto socioeconômico mais elevado, geralmente jovens e de classe média, a áreas centrais desvalorizadas e abandonadas da cidade. (Mendes, 2015, p. 214).

³¹ O litoral fluminense se refere ao litoral do Estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis, Paraty, etc).

correntes que cercam a cidade e que passaram a fazer fronteira entre o velho e o novo, tiveram o poder de segurar o carro do morador, do turista ou excursionista, mas não de segurar a bala, o assalto, o sequestro e a morte, não impedindo assim que corpos caíam no asfalto e também nas ruas irregulares do seu Centro Histórico. Pois Paraty, a cidade tranquila do passado, tornou-se uma cidade visível para o País e para o mundo, hora por suas belezas materiais/culturais e naturais, hora pela tristeza das notícias sobre a violência. É preciso esclarecer que a concepção de bairro em Paraty tem uma escala muito mais reduzida do que em uma metrópole, onde você pode levar de 15 a 30 minutos para cruzar um bairro. Em Paraty você leva em média 5 minutos e dependendo do bairro, menos tempo. Ou seja, a guerra entre as facções não é “lá nos referidos bairros”, mas sim “ali”. A bala perdida em um bairro acaba achando alguém em outro. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33). Os mesmos grandes eventos internacionais que trazem trabalho extra para a cidade, se não forem bem pensados, acabam também sufocando e deixando à margem o nativo, ficando assim mais visíveis as suas fragilidades. “As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides” (BAUMAN, 2005, p. 37). Ou seja, durante os eventos, esses sujeitos aparecem pelo centro histórico fazendo parte do momento festivo da cidade, mas depois que os eventos acabam, voltam para as suas difíceis realidades.

Neste viés percebe-se a importância da memória da cidade quando relacionada ao uso do espaço urbano e a construção deste espaço ontem e hoje, das formas e condições em que se vivencia a cidade e se trata dos significados dados às experiências de vida dos seus sujeitos / personagens perante contextos sociais desiguais (BARROS, 2011).

Hoje a cidade de Paraty é sinônimo de cultura e biodiversidade e desde 2019 é o primeiro sítio misto³² do Brasil na lista do Patrimônio

³² O sítio misto abrange cinco componentes, dos quais quatro são unidades de conservação: o Parque Nacional da Serra da Bocaina e a Área de Preservação Ambiental de Cairuçu no continente, e o Parque Estadual da Ilha Grande e a Reserva Biológica da Praia do Sul na Ilha Grande. O centro histórico de Paraty e o Morro da Vila Velha formam o quinto componente (DOSSIÉ, 2009).



Mundial. É pela preservação do bioma da Mata Atlântica que rodeia as águas calmas da baía da Ilha Grande, somados à cultura das comunidades tradicionais que

permanecem autênticos, com suas referências culturais associadas aos saberes, às celebrações, às formas de expressão e aos locais onde essas práticas ocorrerem. A relação dos caiçaras com o mar e a pesca artesanal, a cultura afro-brasileira presente no dia-a-dia dos quilombos, bem como os guaranis e sua cosmologia, seus rituais e a manutenção da língua tupi-guarani. (DOSSIÊ, 2019, p. 6).

Todos coabitam em equilíbrio e coesos com uma biodiversidade rica e exuberante, preservando tradições e costumes que são considerados importantes na cultura local.

O sítio misto Paraty e Ilha Grande Cultura e Biodiversidade abriga duas Terras Indígenas, dois Territórios Quilombolas e 28 comunidades caiçaras, que vivem da relação com a natureza, da pesca artesanal e do manejo sustentável de espécies da biodiversidade. Essas comunidades tradicionais mantêm os modos de vida de seus antepassados, preservando a maior parte de suas relações culturais como, ritos, festivais e religiões, cujos elementos tangíveis e intangíveis contribuem para a caracterização do sistema cultural e a relação de seu modo de vida com o ambiente natural (DOSSIÊ, 2019 p. 11)³³.

Também é o registro arqueológico do apoderamento humano sobre o território que através de tempos preserva sua importância histórica como elemento de ligação entre as capitânicas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (PARATY.RJ.GOV)³⁴.

Em entrevista ao programa Fala Comunidade, do Canal Flitoral, o presidente do Paraty Convention & Visitors Bureau (CVB)³⁵,

³³ <http://paraty.rj.gov.br/conteudo/downloads/paraty-patrimonio-da-humanidade/PARATY-CUL-BIO-POR.pdf>. Acesso em: 31 Jul. 2020.

³⁴ Fonte: <http://www.paraty.rj.gov.br/paraty-patrimonio-mundial>. Acesso em: 16 Jul. 2020.

³⁵ O Convention & Visitors Bureau é uma associação de entidades privadas, apolítica, sem fins lucrativos, organizada e dirigida por empresários locais, que objetivam a promoção, o desenvolvimento econômico e social, relacionados à cadeia produtiva de viagens, eventos e turismo das cidades onde é instalado. Fonte:



Eric Porto, faz uma importante reflexão sobre como funciona o turismo em Paraty e sobre os maiores desafios para uma retomada pós-pandemia de COVID-19. Pela perspectiva da CVB, o cenário do turismo mesmo antes da pandemia, já apontava uma crise e um dos motivos “delicados”, pode ser o fato do número de empresas irregulares crescerem no município. Porto (2020) aponta que “as hosties36, como Booking, Hotel Urbano e outras, cadastram qualquer empresa / qualquer pessoa”, tornando-se uma disputa vista pela mídia como desleal, uma vez que algumas além de não participarem monetariamente da cidade, também não tem custos com a logística necessária que as empresas regulares possuem, ficando fora do círculo daqueles que se importam em manter o mercado ordenado. Com a soma de dois cenários inéditos para o município, a CVB procura buscar no Estado as informações necessárias para achar um ponto de equilíbrio. Mas assim como o Município, “o Estado também caminha no escuro”, ou seja, não existe por parte do governo um programa de retorno à “normalidade”, pois ninguém estava aguardando por uma pandemia. A negligência do Governo Federal, a falta de atitude e o confronto com as esferas Estaduais também prejudicam, pois atrasam as tomadas de decisões. Uma crise no turismo, a principal economia de Paraty preocupa e se faz necessário planejamento para enfrentamento e sair do campo imaginário das decisões e indecisões. E na perspectiva de Porto (2020), observando as necessidades de Paraty, o primeiro passo é investir na fiscalização de “ordenamento”, mas principalmente em ações de marketing, visando como prioridade atingir o público alvo mais próximo: o turista brasileiro. Paraty, assim como outras cidades históricas, nesse quadro da pandemia de coronavírus, tem muita oferta e pouca procura, porque as pessoas [conscientes] não estão pensando em viajar (PORTO, 2020)³⁷. A pandemia da COVID-19 mostrou o quanto é perversa a desigualdade social e econômica entre as classes econômicas, assim como o despreparo de algumas autoridades políticas. Durante a pandemia foi possível acompanhar nas redes sociais a ação de algumas associações de moradores nos bairros/distritos de Paraty, principalmente onde falta uma política pública e/ou uma ação mais efetiva das autoridades para defender a saúde de comunidades como

[https://www.youtube.com/watch?v=qtfWzS7-](https://www.youtube.com/watch?v=qtfWzS7-_ic&list=TLPQMMDmWODlwMjAQgT7pPIg59w&index=1)

³⁶ [_ic&list=TLPQMMDmWODlwMjAQgT7pPIg59w&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=qtfWzS7-_ic&list=TLPQMMDmWODlwMjAQgT7pPIg59w&index=1). Acesso em: 02 Ago. 2020.
Em francês significa anfitriones.

³⁷ Paraty CVB – Covid 19 e Crise no Turismo – Fonte:

[https://www.youtube.com/watch?v=qtfWzS7-](https://www.youtube.com/watch?v=qtfWzS7-_ic&list=TLPQMMDmWODlwMjAQgT7pPIg59w&index=1)

[_ic&list=TLPQMMDmWODlwMjAQgT7pPIg59w&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=qtfWzS7-_ic&list=TLPQMMDmWODlwMjAQgT7pPIg59w&index=1). Acesso em: 02 Ago. 2020.

o distrito de Trindade. Por um longo período em algum momento desta pandemia, os próprios moradores criaram uma barreira na estrada que dá acesso as suas praias, para evitar que turistas sem juízo e sem respeito pelo próximo, trouxessem o vírus do covid-19 para a comunidade, o que colocaria em risco a vida de seus anciãos³⁸.

Paraty tornou-se um refúgio perfeito entre a Serra do Mar e o Atlântico. Um espaço paradisíaco repleto de histórias, memórias e lendas singulares, que hoje é o turismo e os eventos culturais as principais fontes de sua economia³⁹. A cidade patrimônio cultural é “palco de festas e festivais e de tradições da cultura popular”, Paraty, todo mês a cidade “é marcada como um espaço de constante movimento”.⁴⁰ Paralelo às festas e festivais culturais incluem-se as suas comunidades tradicionais (caiçaras, indígenas e quilombolas) que tanto acrescentam a sua diversidade cultural (Figuras 10, 11 e 12). No seu Calendário Turístico e Cultural percebe-se a pluralidade da cultura da cidade: nos eventos tradicionais, como a Festa do Divino e demais festas religiosas, Carnaval e Festival da Cachaça; FLIP, Paraty em Foco, Bourbon Festival, Festival Varilux de Cinema, entre outros.

Em um diálogo remoto com Barbosa⁴¹ (2020), diretor do IHAP (Instituto Histórico e Artístico de Paraty), constatou-se que o Calendário Turístico e Cultural foi criado oficialmente em 2001, com o objetivo de desenvolver o turismo na região de Paraty, que depois dos períodos comerciais, a cidade ficara isolada por quase um século. E com a abertura das novas estradas, principalmente a Rio-Santos, em 1976, foram precisos novos ordenamentos em vários setores, pois iniciou-se no litoral fluminense um período de especulação imobiliária e paralelamente a isso o advento do turismo. No princípio a maior parte da iniciativa era por conta da Prefeitura e com contribuição da ACIP

³⁸ Alusivo à Aula N.15 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Participação e insurgências: qual agenda de pesquisa sobre movimentos sociais?, com os Professores: FEDOZZI, Luciano Joel; JUNIOR, Orlando Santos. Em 15 jan. 2021.

³⁹ Em 2015, foi reconhecida como a cidade brasileira que mais evoluiu em temas como monitoramento e economia local, que valeram duas premiações em novo estudo de competitividade do Ministério do Turismo, em parceria com o Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas.

Fonte: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5753-paraty-%C3%A9-a-cidade-brasileira-que-mais-evoluiu-em-economia-local,-revela-estudo.html> - Acesso em: 23 out. 2020.

⁴⁰ Fonte: <https://www.flip.org.br/pontos-de-interesse/>. Acesso em: 28 Jul. 2020.

⁴¹ BARBOSA, Amaury. (Instituto Histórico e Artístico de Paraty). **Comunicação Remota**. Paraty, 2020.

(Associação Comercial e Industrial de Paraty). Alguns planos para a expansão do turismo foram realizados, mas foi em meados de 2012, com o patrocínio do Mitur, que aconteceu um programa para afirmar Paraty como referência de turismo cultural. O objetivo era elaborar um plano com mais consistência e uma marca oficial para a cidade: PARATY, CULTURA EM VERDE E AZUL, autoria de Kico Farkas. Foi um ano de reuniões, seminários, que pela primeira vez reuniu o poder público, empresários e a sociedade civil. Desde então houve uma parceria, ainda que a desejar, do público e do privado (BARBOSA, 2020).

Os patrimônios materiais e principalmente os imateriais e naturais de Paraty se estendem além das correntes que isolam o Centro Histórico dos 925,392 KM² do município⁴². Onde encontram-se as trilhas na mata, rios, cachoeiras de águas cristalinas e reconfortantes, fauna e flora fascinantes, praias paradisíacas, ilhas belíssimas e isoladas e as comunidades tradicionais vivendo e experienciando as suas respectivas riquezas culturais e imagéticas⁴³.

Em Paraty é possível observar, em dias de eventos culturais principalmente, o reflexo da grande diversidade cultural presente no nosso país. É compreensível que esta constante preocupação com a preservação do patrimônio acabasse refletindo no turismo, entusiasmando a cidade e trazendo novas possibilidades para a população local, tanto cultural quanto economicamente.

Hoje, apesar da recuperação, o Centro Histórico permanece fragmentado em edificações residenciais, comerciais e mistas, mas que motivados pela entrada do turismo, tiveram os preços de suas mercadorias e serviços elevados de forma desproporcional à realidade do município. Assim, para uma boa parte dos sujeitos paratienses, tornou-se somente uma área onde ele tem o seu ofício ou para um eventual entretenimento em algum dia da semana ou no decorrer de eventos culturais ou religiosos.

Há uma mudança funcional e simbólica nos usos do sítio histórico, que deixa evidente os contrastes entre a qualidade de vida no turístico Centro Histórico e aquela ocorrida na Ilha das Cobras ou Mangueira, bairros precários onde vive a população local de baixa renda. A cidade partida é uma realidade difícil de contornar. (PAES, 2015, p. 113).

⁴² Fonte: <http://paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre>. - Acesso: 04 jul. 2020.

⁴³ Fonte: <http://visiteparaty.tur.br/cultura/>. - Acesso em: 04 jul. 2020.

Como é possível visualizar a pista do aeroporto da cidade, vista do alto (Figura 5), serve literalmente como uma linha divisória. Abaixo da linha, na margem, encontram-se os bairros Ilha das Cobras e Parque da Mangueira; e a direita ficam os outros bairros e o Centro Histórico, onde é visível a fronteira social. Segundo o IBGE⁴⁴, a população estimada no ano de 2019 era de 43.165⁴⁵ pessoas. Porém, há um aumento da criminalidade na cidade, o que também poderia estar diretamente relacionado a este aumento no número populacional, o qual poderia ser causador de mais desigualdades sociais (MORAES, 2015).

O cidadão paratiense precisa, para exercer sua cidadania e consumir neste contexto, de um poder aquisitivo que as atuais circunstâncias não lhe oferecem. O acesso à segurança ou ao consumo cultural não é democraticamente distribuído, visto que deles desfrutam apenas os “usuários solventes, público que será sempre bem resguardado e protegido nos lucrativos eventos culturais” (BORJA; CASTELLS, 1997). A criminalidade também pode ter aumentado em razão da revolta da população diante do que os mesmos autores consideram “os eventos tão glamourosos quanto fantasiosos em relação à realidade local, na qual a maior parte dos moradores vive” (PAES, 2015, p. 115). Nesse sentido vale lembrar Paes (2015), na afirmação de que “as luzes que focam o patrimônio cultural e atraem o turismo também colocam em evidência os problemas socioespaciais do lugar” (p. 113).



Na sequência apresento uma breve narrativa inspirada na etnofotografia⁴⁶ (Figuras 8 a 33) de alguns dos espaços mencionados nesse texto: Trilha dos Guaianás, a Vila de Trindade, Paraty Mirim,

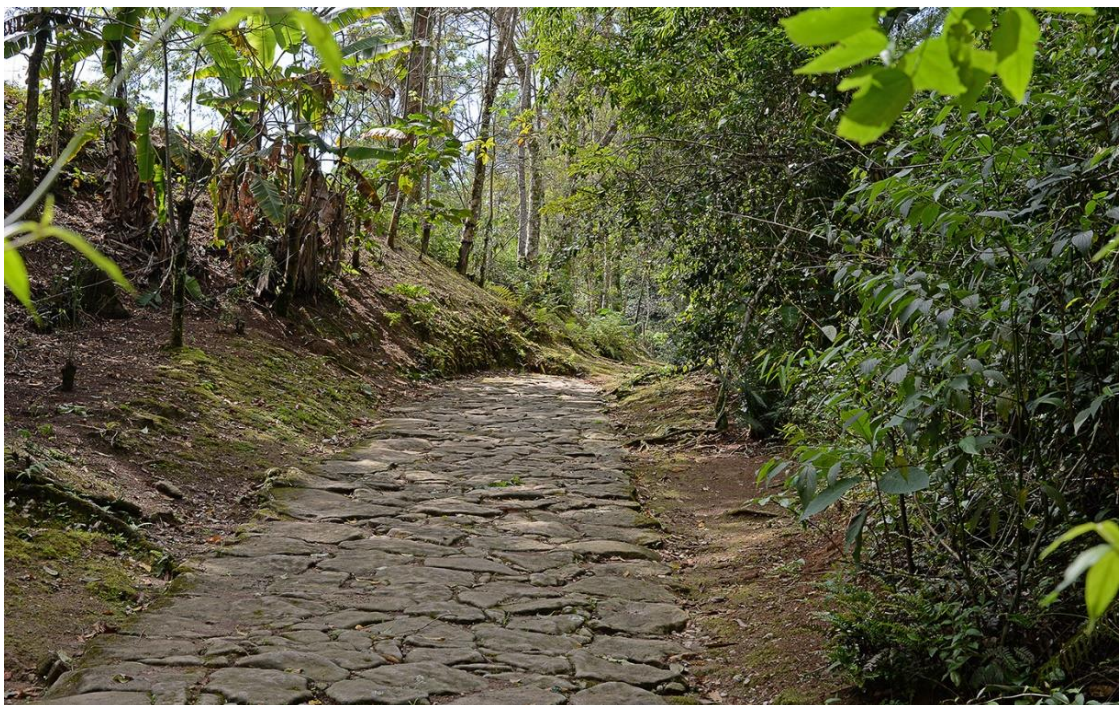
⁴⁴ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paraty/panorama> - Acesso em: 04 jul. 2020.

⁴⁵ Dados atuais em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paraty/panorama> - Acesso em: 04 jul. 2020.

⁴⁶ A Etnofotografia chegou no Brasil em 1982, quando o Museu de Imagem e do Som de São Paulo e o Instituto Italiano de Cultura trouxeram ao Brasil o arquiteto e fotógrafo italiano Sandro Spini, e onde foi o primeiro Curso de Etnofotografia no país. Durante a formação, que durou um ano e resultou em uma exposição e na publicação do livro Trabalho etnofotográfico de uma pesquisa urbana, Sandro Spini teve como assistente Emídio Luisi, também italiano, que já residia no Brasil e que logo em seguida começou a aplicar a Etnofotografia como ferramenta em suas pesquisas⁴⁶ em solo brasileiro. (Boni; Moreschi, 2007).

Quilombo do Campinho da Independência, Centro Histórico e o Caboclo, nesta ordem. A etnofotografia é um trabalho “que corresponde à valorização da imagem etnográfica como uma ferramenta que possui linguagem própria, e que utiliza dados da linguagem fotográfica para sustentar uma leitura antropológica” (SPINI, 1982), (LUISI, 1982, 2019).

FIGURA 8 – PARATY / RJ – TRILHA DOS GUAIANÁS | CAMINHO DO OURO



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018.

FIGURA 9 - PARATY MIRIM | RESERVA ECOLÓGICA ESTADUAL DA JUATINGA.



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018



FIGURA 10 - PARATY / RJ - TRINDADE |
COMUNIDADE CAÇARA

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018

FIGURA 11 – PARATY / RJ – ALDEIA ...



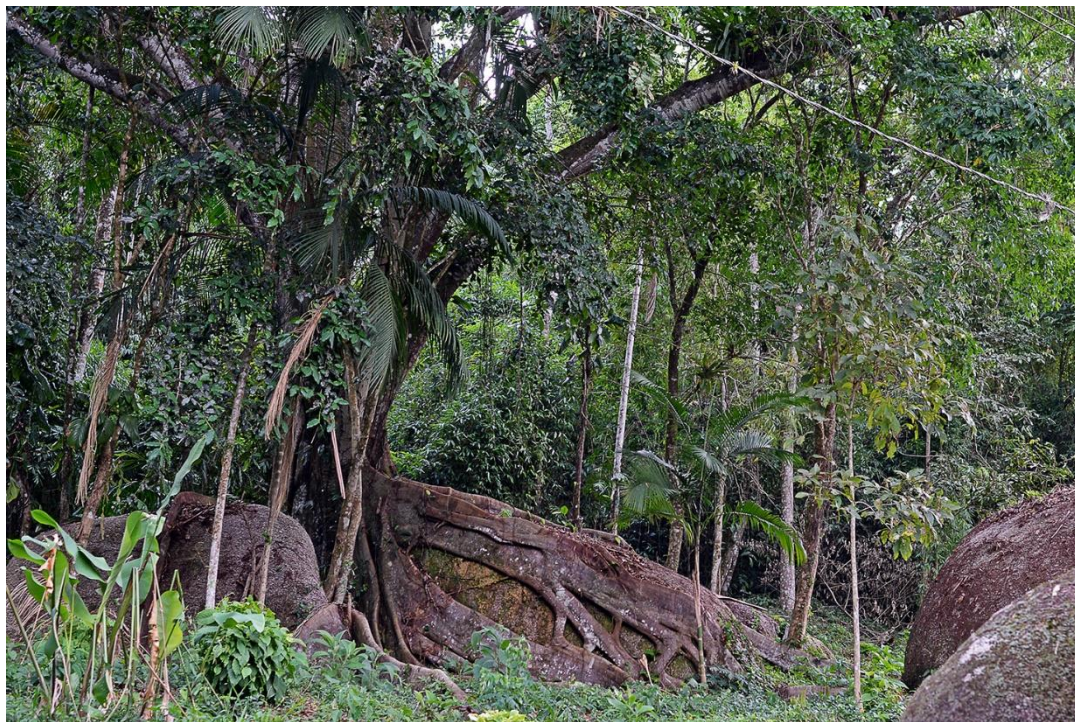
FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018



FIGURA 12 - PARATY / RJ - QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018

FIGURA 13 – PARATY / RJ – BAIRRO CABOCLO



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018



FIGURA 14 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO |
CAIS DO PORTO

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019

FIGURA 15 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO |
RUA MARECHAL SANTOS DIAS OU RUA DA MATRIZ



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019



FIGURA 16 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO |
RIO PEREQUE-ÁÇU

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019

FIGURA 17 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO | RUA DA PRAIA



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019



FIGURA 18 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO | RUA DONA GERALDA OU RUA DO MERCADO

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019

FIGURA 19 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO |
A CASA DO IPHAN.



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019



FIGURA 20 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO | RUA DONA
GERALDA OU RUA DO MERCADO.

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019

FIGURA 21 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019



FIGURA 22 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019

FIGURA 23 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019



FIGURA 24 – PARATY / RJ – CENTRO HISTÓRICO | RUA TENENTE FRANCISCO ANTÔNIO OU RUA DO COMÉRCIO

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019

FIGURA 25 – PARATY / RJ – CENTRO HISTÓRICO | RUA
TENENTE FRANCISCO ANTÔNIO OU RUA DO COMÉRCIO



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018



FIGURA 26 – GIANCARLO MECARELLI NO PEF2017.

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2017

FIGURA 27 – PARATY / RJ - PRAÇA DA MATRIZ



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018



FIGURA 28 – CENTRO HISTÓRICO / RUA DA LAPA.

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018

FIGURA 29 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018



FIGURA 30 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO | RUA TENENTE FRANCISCO ANTÔNIO OU RUA DO COMÉRCIO

FERNANDO PIRES, SET. 2018

FIGURA 31 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO | RUA
TENENTE FRANCISCO ANTÔNIO OU RUA DO COMÉRCIO



FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2018



FIGURA 32 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO |
RUA DO COMÉRCIO

FONTE: FERNANDO PIRES, SET. 2019

FIGURA 33 – PARATY / RJ - CENTRO HISTÓRICO / RUA DO ROSÁRIO OU RUA DR. SAMUEL COSTA



FONTE: FERNANDO PIRES, JUL. 2017.

Desta breve narrativa, a fotografia do Bairro Caboclo (Figura 13), até o momento, é a mais significativa e representativa desse processo de desterritorialização, ao contemplar as suas raízes horizontais e diagonais, o pensamento remete a história de cada uma das famílias caiçaras e dos bairros Ilha das Cobras, Parque da Mangueira e Caboclo. Cada família, assim como as raízes ramificaram-se e espalharam-se tomando novos rumos, gerando novas rupturas e agenciamentos e novamente se ramificaram, territorializando-se em novos espaços. Um processo impermanente. Tendo em vista essas colocações, somadas ao olhar de Deleuze e Guattari (1995, p. 23), pode-se afirmar que “existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de

raiz podem recomeçar a brotar em rizoma”. Enes e Bicalho (2014), complementam as colocações de Deleuze e Guattari ao afirmarem também que “nos processos de desterritorialização e reterritorialização, estão imbricadas as dimensões política e cultural”. Em outras palavras, para os autores, “um processo de desterritorialização pode ser tanto simbólico, com a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material – político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticas de integração” (ENES; BICALHO, 2014, p. 196).

As famílias crescem, havendo naturalmente outras novas desterritorializações, a necessidade de novos espaços, para preencher os desejos e interesses provocados pelo mundo contemporâneo e capitalista vivenciado nas metrópoles. Novos costumes e hábitos heterogêneos, que ora somam aos do primeiro território o que para alguns já é a soma de outros tantos. Na perspectiva de Deleuze e Guattari (1995, p.31), vamos fazendo rizomas com o mundo, para evoluir se capacitar e fazer novos territórios, todos com “seus limites sempre fugidios, suas fronteiras movediças e deslocadas”.

Assim como nômades, em busca de se constituírem, de um melhor abrigo e respostas para os seus desejos e interesses, algumas famílias vagueiam de um estado para outro, de uma cidade para outra, eventualmente “da camada central à periferia, depois do novo centro à nova periferia” (p. 67), conforme o próprio avanço das metrópoles. Em seus pertences transportam artefatos, fotografias, memórias, “permeadas por elementos que remetem, todo momento, a um território anterior” (ENES; BICALHO, 2014, p.210).

6 #ETERNO APRENDIZ

Ao se caminhar pelo Centro Histórico de Paraty experimenta-se não só os espaços, os aromas, a sonoridade de uma cidade do interior, mas também a força dos seus sujeitos, sejam eles nativos ou estrangeiros (ROCHA; ECKERT, 2013). Na perspectiva de Assmann (2011), quando nos distanciamos por outros ambientes/esferas, a memória do nosso primeiro espaço se dissolve em nós.

Mas Paraty não termina nas correntes que dividem o Centro Histórico do contexto urbano. Além delas encontram-se os bairros periféricos onde vivem desde a segunda metade do Século XX, uma

parcela de uma das comunidades tradicionais, os caiçaras, que foram pressionados a saírem do convívio direto com o mar e a roça, devido a grilagem de terras, especulação imobiliária e dos primeiros e radicais decretos ambientais. E somando a estes fatores, desde o início do Século XXI, os jovens caiçaras são obrigados a conviverem diariamente com a violência das facções criminosas oriundas da metrópole carioca. Racializados, estes jovens são vítimas do processo social, cultural e econômico que atinge a cidade desde o início do turismo. E devido os conflitos entre as facções, alguns tombam pelas ruas antes mesmo de atingirem a maioridade. Também, infelizmente, na pressão pelo domínio dos espaços culturais públicos nos bairros periféricos, alguns líderes de “movimentos sociais” possuem dificuldades de ter uma agenda, pois estão sendo assassinados pelo tráfico⁴⁷.

E por serem os atos de caminhar, documentar e fotografar – o urbano e o outro - questões tão frágeis e singulares é que são deixados abertos para uma pós pandemia, realizar um outro olhar e ver Paraty, os seus sujeitos, os seus caminhos e descaminhos. Pois ao contemplar este texto pela perspectiva de Deleuze e Guattari há uma questão que ainda não se pode responder: o paratiense – além da glamourização que se pode contemplar na mídia impressa e eletrônica - ainda pode se considerar sujeito da sua cidade?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Karolyn de Oliveira; ALVES, Ana Elisabeth Santos. **A memória do trabalho nas romarias de Bom Jesus da Lapa e as pessoas que vivem da venda de artigos religiosos: algumas considerações**, 2012.

ALMEIDA, Karolyn de Oliveira. **A memória dos trabalhadores das romarias de Bom Jesus da Lapa: pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos**. – Curitiba (PR): Atena Editora, 2017.

BARBOSA, Amaury. [73 anos] Paraty / RJ, 2019. Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira. Em 17/09/2019.

⁴⁷ Alusivo à Aula N.15 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Participação e insurgências: qual agenda de pesquisa sobre movimentos sociais?, com os Professores: FEDOZZI, Luciano Joel; JUNIOR, Orlando Santos. Em 15 jan. 2021.



BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória, Experiência e Narrativa - **Illuminuras**, v.12, n. 29, p. 4-17, jul./dez. 2011. Porto Alegre: UFRGS.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. São Paulo: Editora Zahar, 2012.

BONI, Paulo; MORESCHI, Bruna. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Doc On-line, Londrina, n.03, p.137-157, 2007.

CLEMENTINO, Maria do L. M.; RIBEIRO, Marcelo G.; OLIVEIRA, André M. de; ARAÚJO, Juliana B. (IPPUR/UFRJ) - **Comunicação oral**. Observatório das Metrópoles – Aula 04. Economia Metropolitana e Desenvolvimento Regional. Em 16 out. 2020.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**; tradução de Luciano Vieira Machado. 3.ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os Arquitetos da Memória. Capítulo 3 – A Proteção Institucionalizada** - Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT) - **Código de Ética** – Santiago / Chile: 1999.

COMISSÃO PERMANENTE PRÓ SÍTIO DO PATRIMÔNIO MUNDIAL DE PARATY. Dossiê: **O caminho do ouro em Paraty e sua paisagem** - a importância do reconhecimento de Paraty como Sítio do Patrimônio Mundial da UNESCO. Prefeitura Municipal de Paraty – Secretaria Executiva de Governo. Paraty / RJ, 11 de setembro de 2007.

COTRIM, Cássio Ramiro Mohallem. **Villa de Paraty**. Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2009. v.1.

ENES, E. N. S.; BICALHO, M. G. P. Desterritorialização/reterritorialização: processos vivenciados por professoras de uma escola de Educação Especial no contexto da educação inclusiva. **Educação em Revista**, v. 30, n. 1, p. 189–214, mar. 2014.

FEDOZZI, Luciano Joel; JUNIOR, Orlando Santos. (IPPUR/UFRJ) - **Comunicação oral**. Observatório das Metrópoles – Aula 15. Os Movimentos Sociais. Em 15 jan. 2021.

<http://www.paraty.com.br/maconaria.asp>. Acesso em: 16 dez. 2020.

HOLANDA, Frederico Rosa Borges de. (IPPUR/UFRJ) - **Comunicação oral**. Observatório das Metrópoles – Aula 7. Mobilidade Urbana, Desigualdade e Direito à Cidade. Em 06 nov. 2020.





LENCIONI, Sandra; TUNES, Regina H.; BARTHOLOMEU, Matheus C.; BÓGUS, Lúcia M. M. (IPPUR/UFRJ) - **Comunicação oral**. Observatório das Metrôpoles – Aula 03. A Megarregião Rio de Janeiro - São Paulo. Em 09 out. 2020.

LUISI, Emídio – MUSEU DA IMAGEM E DO SOM / INSTITUTO ITALIANO DI CULTURA. **Antropologia visual: a fotografia**. São Paulo, 1982.

LUISI, Emidio. Workshop: **A Fotografia como Memória do Instante Transitório**. Festival Internacional de Fotografia - Paraty Em Foco 2019 - Paraty / RJ, 2019.

MENDES, Luís Felipe Gonçalves Mendes. **Leituras sobre a cidade - As Novas Formas de Gentrificação** – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa - Revista Cidades, Volume 12, Número 20, 2015.

OBSERVATÓRIO das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - Aula 3 da DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: **A Megarregião Rio de Janeiro - São Paulo** - Ministrada pelos Professores: Sandra Lencioni; Regina Helena Tunes; Matheus Cavalcanti Bartholomeu e Lúcia Maria Machado Bógus. Em 09 out. 2020.

OBSERVATÓRIO das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - Aula 4 da DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: **Economia Metropolitana e Desenvolvimento Regional** - Ministrada pelos Professores: Maria do Livramento Miranda Clementino; Marcelo Gomes Ribeiro; André Mourthé de Oliveira e Juliana Bacelar de Araújo. Em 16 out. 2020.

OBSERVATÓRIO das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - Aula 7 da DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: **Mobilidade Urbana, Desigualdade e Direito à Cidade**, com o Professor: Frederico Rosa Borges de Holanda. Em 06 nov. 2020.

OBSERVATÓRIO das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - Aula 14 da DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: **Direito à Cidade, Inflexão ultraliberal e Financeirização: outra ordem urbana?**, com o Professor: Luiz Cesar Ribeiro. Em 08 jan. 2021.

OBSERVATÓRIO das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ - Aula 15 da DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: **Participação e insurgências: qual agenda de pesquisa sobre movimentos sociais?**, com os Professores: FEDOZZI, Luciano Joel; JUNIOR, Orlando Santos. Em 15 jan. 2021.

PAES, Maria Tereza Duarte - **Resgate - Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v.23, n.30, p. 105-118, jul./dez. 2015 – e-ISSN: 2178-3284 - paes.tereza@gmail.com.

PLANO DE GESTÃO. **Paraty Patrimônio da Humanidade** – Versão Preliminar. Grupo de Trabalho da Comissão Permanente Pró Sítio do Patrimônio Mundial de Paraty, RJ, 2008.



PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PARATY - **Inventário Turístico Volume I** – Aspectos Gerais – Gestão: José Cláudio de Araújo, Paraty, RJ, 2003.

PLANO Estratégico do Turismo de Paraty 2002 – SEBRAE/RJ - <https://www.paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre> - Acesso em: 12 dez. 2020.

PREFEITURA Municipal de Paraty / Secretaria de Cultura - <http://pmparaty.rj.gov.br/page/secretariasdetalhes.aspx?tipo=secretaria-de-cultura>.

PREFEITURA Municipal de Paraty. **Paraty Ilha Grande Cultura e Biodiversidade** - DOSSIÊ. Brasil / Paraty, 2019.

RIBAS, Marcos Caetano. **A história do caminho do ouro em Paraty**. Contest Produções Culturais – Paraty / RJ, 2003.

RIBEIRO, Luiz Cesar. (IPPUR/UFRJ) - **Comunicação oral**. Observatório das Metrópoles – Aula 14. Direito à Cidade, Inflexão ultraliberal e Financeirização: outra ordem urbana? Em 08 jan. 2021.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha; ECKERT, Cornelia. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **Iluminuras**, v. 4, n. 7, 2003. Porto Alegre: UFRGS.

SILVA, Jardel Sandy – III SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA POLÍTICA - Universidade Federal do Rio de Janeiro - jardelsandy@gmail.com - **REVISTA GEONORTE**, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.782-797, 2013. (ISSN – 2237-1419).

SILVA, P.G. **A cultura é importante para o consumidor e para o marketing?** Investigando a “dança” do patrocínio e o “ritmo” do envolvimento. In: XXVIII ENANPAD, Curitiba, Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

SILVEIRA, Patrícia Gomes. **A Metrópole é Aqui: redes de abastecimento e o porto do Rio de Janeiro no comércio de cabotagem, 1799-1822**. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Programa de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Novembro, 2013. 137 fls.

SPINI, Sandro. MUSEU DA IMAGEM E DO SOM / INSTITUTO ITALIANO DI CULTURA. **Antropologia visual: a fotografia**. São Paulo, 1982.

TOLEDO, Gabriel. [36 anos]. Paraty / RJ. Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira. Em 17/09/2019.

